



CONSELHO MUNDIAL DAS CASAS DOS AÇORES Dez anos na Diáspora e no Mundo

A responsável acção desenvolvida pelas Casas dos Açores, quer na diáspora menos afastada quer na mais distante, fez propagar o eco do bom desempenho conseguido e determinou a saudável atitude do, então, recém-eleito executivo da Região Autónoma, em ouvir de pronto, as instituições congéneres geograficamente mais próximas do Arquipélago. Tal facto reporta-se ao mês de Fevereiro do ano de mil novecentos e noventa e sete.

Volvidos dez anos, pormenorizar a referida data é relembrar a iniciativa do Presidente do Governo Regional que, na cidade de Coimbra, faz desenrolar a primeira acção conjunta, com a presença atenta da maioria do seu executivo e os responsáveis das Casas dos Açores sediadas no continente português, evento que ele próprio coordena e preside e que, indubitavelmente, assinala o novo rumo das Casas dos Açores, no fomento de um desempenho de acção de mais lata e diversificada abrangência.

Delinear, pormenorizar e fazer avançar na diáspora, nova e frutífera concepção de trabalho, leva de Coimbra a New Bedford, na costa leste dos Estados Unidos, em Junho seguinte, toda uma chama de boa vontade e firme intenção de forte e compacta dinâmica. De todo o mundo da diáspora, as Casas

dos Açores aderem à iniciativa, assumindo sem reservas, aberta e favorável posição às boas notícias resultantes das conclusões emanadas da velha cidade do Mondego. Vive-se então o “II Encontro de Casas dos Açores”, cuja anfitriã, Casa dos Açores da Nova Inglaterra, e todos os convivas responsáveis presentes, empenham as sessões de trabalho na estruturação e viabilidade de um organismo de

...vitalizado o Conselho Mundial das Casas dos Açores, surge a óbvia oportunidade de mais fácil e melhor proximidade no relacionamento com as comunidades açorianas dispersas na diáspora, tendo em conta um contacto mais assíduo, profundo e, de algum modo, quase personalizado, com os açorianos que essas mesmas comunidades aglutinam.

âmbito mundial, capaz de, com a necessária e exigida eficiência, coordenar e disciplinar os objectivos comuns das Casas dos Açores. Embora o entusiasmo e o esforço conjunto tenham dominado as contínuas sessões de trabalho, o propósito a que todos se haviam votado não é atingido neste “Encontro”, facto que, inevitavelmente, adia o ultimar do projecto.

Na intenção de prossecução dos trabalhos há longos meses encetados, é escolhida a cidade da Horta onde, de doze a quinze de Novembro do referido ano de mil novecentos e noventa e sete e sob o rigoroso patrocínio do Governo Regional, tem lugar o “III Encontro de Casas dos Açores”. Neste, o executivo, assumindo de novo presença através do, então, Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas, toma a decisão de reconhecer as Casas dos Açores como “interlocutores privilegiados nas comunidades”.

Não apenas por inerência de funções, mas sobretudo pelo grande e

cuidado entusiasmo que sempre dedicou ao projecto, a directora do desactivado Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas, Dra. Alzira Maria Serpa Silva, actual Directora Regional das Comunidades e, desde sempre, elo de ligação entre o Governo Regional e as Casas dos Açores, assumiu naturalmente a presidência dos referidos “Encontros” de New Bedford e Horta e, sob sua co-responsabilidade é lavrado a treze de Novembro o relevante documento designado por “Declaração da Horta”. Esta “declaração” fundamenta e oficializa a constituição do Conselho Mundial das Casas dos Açores, organismo no qual passam a recair bastas responsabilidades e, por tal, também a incumbência de “articular a acção das Casas dos Açores entre si e entre estas e a Região”. No dia imediato, na sua primeira reunião, o Regulamento redigido e estruturado é, por unanimidade, aprovado e diversas outras medidas são estabelecidas.

Finalmente, vitalizado o Conselho Mundial das Casas dos Açores, surge a óbvia oportunidade de mais fácil e melhor proximidade no relacionamento com as comunidades açorianas dispersas na diáspora, tendo em conta um contacto mais assíduo, profundo e, de algum modo, quase personalizado, com os açorianos que essas mesmas comunidades aglutinam. A actuação deste Conselho engloba inúmeras situações, de menor ou maior responsabilidades, mas todas de substancial relevo, desde a coordenação na prossecução de trabalhos a encetar e desenvolver pelas instituições-suporte como, inclusive, o preponderante e difícil papel disciplinador, tendente a evitar uma proliferação desordenada de Casas dos Açores, sem prévia, consciente e aturada análise dos objectivos-base, a incidir sobre eventuais candidaturas e posterior justificado consentimento de actuação.

A autenticidade e veracidade deste anterior quadro, traduz a cuidadosa postura no que concerne a candidaturas a novas adesões ao Conselho, assunto sempre tratado com profundidade e rigor e, do foro exclusivo da Assembleia Geral, no seu plenário. Do mesmo modo, qualquer tomada de posição no tocante a membros efectivos tem, necessariamente, idêntico encaminhamento.

A notória confiança votada ao Conselho ao longo dos anos e a sua constante procura por instituições que, organizadas e dispersas na diáspora, alicerçam nova desenvoltura em toda a acção que movimentam, motiva a adesão das mesmas a este organismo coordenador, base da unidade e unicidade da afirmação açórica.

Na confirmação segura deste anseio de vivência e de procura de raízes, o exemplo da Casa dos Açores da Ilha de Santa Catarina é notório, já que, “oriunda” de uma instituição cultural regionalista, operando há longos anos na sua zona de influência, assume oficialmente a designação de Casa dos Açores, em Dezembro de mil novecentos e noventa e nove e são seus fundadores oitava e nona gerações de descendentes açorianos.

Em Winnipeg, Canadá, o Centro Cultural Açoriano, instituição conhecida pela actividade desenvolvida desde a sua fundação, aposta forte na integração no Conselho Mundial das Casas dos Açores e, em dois mil e um, após estatutariamente oficializado Casa dos Açores de Winnipeg, formula e apresenta a necessária candidatura, pretensão aceite após os trâmites habituais e, votada membro efectivo mercê do mérito reconhecido.

Coube à Casa dos Açores do Norte presidir ao Conselho Mundial das Casas dos Açores e, necessariamente, ao plenário da IV Assembleia Geral deste órgão coordenador, reunido no Porto de trinta e um de Maio a três de Junho de dois mil e um, formular e coordenar a integração plena destas instituições.

Com antecedentes firmados na evolução de um grupo folclórico, intérprete e divulgador de música popular açoriana e, posteriormente, creditado numa “associação” de divulgação cultural num Estado do imenso Brasil cuja população iguala os dez milhões de habitantes e, se acredita mais de um milhão ter ascendência açoriana, surge, a



partir do ano de dois mil e dois, a mais jovem Casa dos Açores implantada na diáspora. Ciente da opção, a Casa dos Açores do Estado do Rio Grande do Sul emerge do anseio da busca de raízes e valores ancestrais e firma-se na “pátria – diáspora”, volvidas várias gerações de ilhéus-açorianos cujos ascendentes há mais de um quarto de milénio haviam chegado àquelas paragens. O plenário da VI Assembleia Geral do Conselho Mundial das Casas dos Açores, reunido em Ponta Delgada em Junho de dois mil e três, sob a presidência da Casa dos Açores no Algarve, reflecte e confirma a adesão ao seio do Conselho daquela nova e promissora Casa.

Situações menos favoráveis também têm registo. O incumprimento de normas desde sempre vigentes e injustificada ausência de acção ou notícia, consigna ao afastamento do Conselho Mundial, há vários anos, a Casa dos Açores da Califórnia e a Associação Casa dos Açores de Coimbra, ambas também membros fundadores daquele organismo coordenador. Atente-se ainda, por realidade, dois processos de candidatura não evoluídos no sentido positivo, mercê de burocracias menos contemplativas. É de referir, como tal, a Casa dos Açores de Silicon Valley, em fase de comissão instaladora quando da candidatura em dois mil e um e, do mesmo modo em fase de organização, a

Casa dos Açores do Pacífico na qualidade de elemento observador no ano de dois mil e três, visando formalizar a candidatura no ano imediato.

Entenda-se também que o Conselho Mundial das Casas dos Açores optou por estabelecer fiel preponderância na definição de estratégias, tendente a apontar às instituições suas componentes

...o Conselho Mundial das Casas dos Açores optou por estabelecer fiel preponderância na definição de estratégias, tendente a apontar às instituições suas componentes os trajectos mais convenientes à acção útil e eficaz, no intuito de uma integração apropriada nas comunidades onde se posicionam.

os trajectos mais convenientes à acção útil e eficaz, no intuito de uma integração apropriada nas comunidades onde se posicionam. Tal medida reflecte, notoriamente, acções de âmbito comum e acções de especificidade própria, diversificadas e simultaneamente abrangentes, cimentando saudáveis e frutuosas relações a todos os patamares, entre a região de origem e a de acolhimento, objectivo de primordial importância.

Descurar qualquer objectivo não é norma aceite. O Conselho Mundial das Casas dos Açores recomenda às Casas dispersas pela diáspora papéis intervenientes e desempenhos credíveis, na divulgação e concretização de acções de âmbito cultural, social e formativo, em todas as possíveis vertentes, num simultâneo e firme erguer de voz, sempre audível e escutado sob atento e reconhecido respeito.

Em abono da realidade vivida, o Conselho, no complemento do vastíssimo panorama de acção que recomenda às Casas dos Açores, pretende que esta mesma acção não se vincule apenas aos ilhéus-açorianos e seus descendentes, mas que possa ser usufruída por outras comunidades envolventes, seja qual for a sua origem. Este desígnio felizmente tem sido

conseguido nos variadíssimos trabalhos postos em prática ao mais variado âmbito, e é sobremaneira visível na participação que envolve os festejos e culto ao Divino Espírito Santo, evento que no seu misto de pagão e religioso é vivido na vontade da partilha que foi transmitida através dos séculos.

Sempre preponderante na consolidação do organismo que rege e conduz, a Assembleia Geral do Conselho, na sua reunião anual, mantém a constante recusa de não alijar ou tornar de menor importância quaisquer das responsabilidades já assumidas e postas em prática, posicionando-se em simultâneo na contemplação e desenvolvimento de novas prioridades a desenrolar na diáspora, no mútuo benefício das comunidades e da Região Autónoma dos Açores.

Das várias e notórias decisões surgidas nos diversos plenários, destaca-se a vitalidade para o correcto encaminhamento de todo um trabalho de bom grado contínuo, activo e de adequada abrangência.

Contemplar individualidade ou entidade colectiva que se tenha distinguido com relevantes serviços em prol da Região Autónoma dos Açores ou dos açorianos, na zona de influência de cada Casa, traduz outro atento objectivo, perante o qual, a Medalha de Mérito do Conselho Mundial das Casas dos Açores visa homenagear, em cada ano, no âmbito dos trabalhos da respectiva assembleia geral, personalidade ou entidade colectiva para tal designada.

Interveniente, a Casa dos Açores do Norte solicita ao Presidente da Assembleia Legislativa Regional dos Açores o patrocínio da edição da Medalha de Mérito, solicitação de imediato considerada e prontamente atendida. É a CAN, no decorrer da IV Assembleia Geral do Conselho que, pela primeira vez no historial deste organismo, atribui tão prestigiante distinção.

Materializada apenas a partir de dois mil e um, a Medalha de Mérito é, porém, atribuída com efeitos retroactivos nos anos de mil novecentos e noventa e nove e dois mil e, desde então, na normal e regulamentada rotatividade da presidência do Conselho, conforme se designa: 1999 – escritor Pedro da Silveira, Casa dos Açores de Lisboa; 2000 – João da Mota, Casa dos Açores do Quebeque; 2001 – Médicos e professores universitários Alexandre Linhares Furtado e João Costa (este a título póstumo), Casa dos Açores do Norte; 2002 – Dr. Paulo Bonfim e Leonilda Jacob, Casa dos Açores de S. Paulo; 2003 – poeta Emanuel Félix (cerimónia decorrida nos Açores), Casa dos Açores no



Algarve; 2004 – Conselheiro João Luís Morgado Pacheco e Grupo Amigos da Terceira, Casa dos Açores da Nova Inglaterra; 2005 – Professor Doutor José Carlos Teixeira, Casa dos Açores de Winnipeg; 2006 – Dra. Alzira Maria Serpa Silva, Professora Emília Isaura Soares de Mendonça e Instituto Açoriano de Cultura, Direcção Regional das Comunidades.

Promover em todo o mundo um produto genuinamente açoriano é outra das muitas atribuições que o organismo coordenador com especial atenção e esmerado cuidado designa e labora anualmente. Tal distinção pondera e exige a garantia de qualidade plena a testemunhar o prestígio da origem.

Convém referir que geograficamente o Conselho Mundial das Casas dos Açores abrange a Europa e a América e nestes dois continentes coordena em simultâneo onze instituições. Dessas, posicionam-se três no espaço físico de Portugal Continental, nomeadamente a Casa dos Açores de Lisboa sediada na capital do país, a Casa dos Açores do Norte com sede no Porto e a Casa dos Açores no Algarve que tem na cidade de Faro a respectiva sede. No Canadá exercem o seu mister as Casas dos Açores do Quebeque, Ontário e Winnipeg

sediadas respectivamente em Montreal, Toronto e Winnipeg. Quanto ao Brasil quatro instituições desenvolvem trabalho notável na diáspora, designadamente as Casas dos Açores do Rio de Janeiro, São Paulo, Ilha de Santa Catarina e do Estado Rio Grande do Sul. Nos Estados Unidos apenas a Casa dos Açores da Nova Inglaterra, instalada na nova sede em East Providence,

Promover em todo o mundo um produto genuinamente açoriano é outra das muitas atribuições que o organismo coordenador com especial atenção e esmerado cuidado designa e labora anualmente. Tal distinção pondera e exige a garantia de qualidade plena a testemunhar o prestígio da origem.

assegura a vivência açórica na sua vasta zona de influência. Destas, como referência actual estabelecida, as Casas dos Açores de Lisboa, Rio de Janeiro, Quebeque, Norte (Porto), São Paulo, Toronto, Nova Inglaterra e Algarve assumem a responsabilidade de membros fundadores deste organismo coordenador.

O Conselho Mundial das Casas dos Açores no firme desígnio de “reforçar o papel das Casas dos Açores naquilo que são os seus objectivos comuns, designadamente no que representam de serviço às comunidades, na dignificação do seu nome e da Região, como agentes divulgadores e defensores dos valores e interesses dos Açores”, firma o abraço envolvente e emotivo que a diáspora e a Região Autónoma dos Açores no dia a dia protagonizam.

RUBEN SANTOS

Presidente da Casa dos Açores no Algarve